

FESTIVAL



PERFORMANCE
PERIFÉRICA
NA REDE

ORGANIZAÇÃO:
MÓ COLETIVO

(Carolina Rodrigues, Laís Castro,
Luana Aguiar, Mariana Maia e Mery Horta)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Festival margem visual [livro eletrônico] :
performance periférica na rede / organização
Carolina Rodrigues ... [et al.]. -- 1. ed. --
Rio de Janeiro : Mó Coletivo, 2021.
PDF

Outros organizadores : Laís Castro, Luana Aguiar,
Mariana Maia, Mery Horta.
ISBN 978-65-00-19761-7

1. Artes 2. Cultura popular 3. Fotografias 4.
Performance (Arte) 5. Periferias urbanas I. Castro,
Laís. II. Aguiar, Luana. III. Maia, Mariana. IV.
Horta, Mery.

21-60539

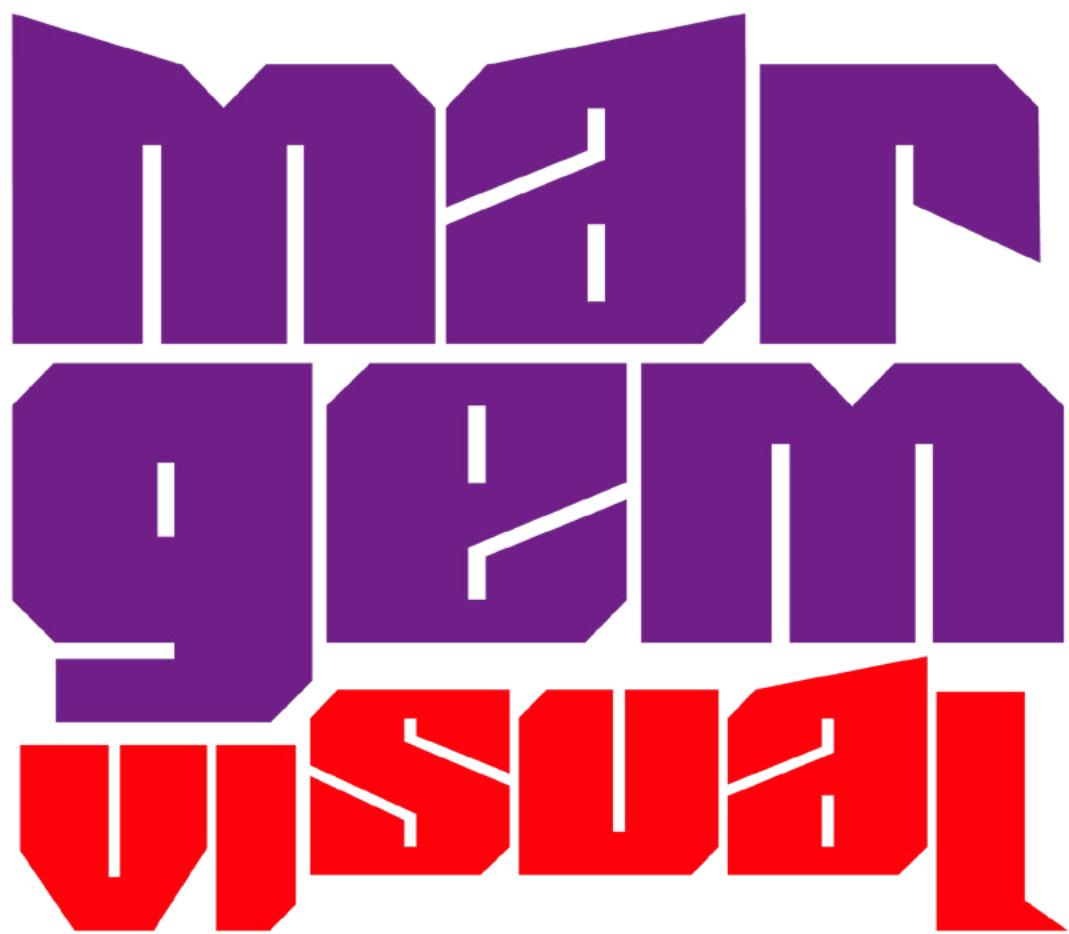
CDD-779.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografias 779.9

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

F E S T I V A L



PERFORMANCE
PERIFÉRICA
NA REDE

ORGANIZAÇÃO:
MÓ COLETIVO
(Carolina Rodrigues, Laís Castro,
Luana Aguiar, Mariana Maia e Mery Horta)



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	06	TEXTOS CURATORIAIS	22
O QUE É ESTAR À MARGEM?	10	CURADORA MERY HORTA	25
PERFORMANCES DE ESTREIA DO FESTIVAL	12	Isadora Aventureira .25 Nyandra .27 Patfudyda .29 Companhia As de ouro .31	57
Luana Aguiar .14 Lais Castro .16 Mariana Maia .18 Mery Horta .20		CURADORA LAÍS CASTRO	33
		Leonardo Laureano .33 Mallu Côrtes e Karoline Alves .35 Mayara Velozo .37 Rick Xavier .39	64
		CURADORA LUANA AGUIAR	41
		RAINHA F. .41 Silvia Schiavone .43 Lírio em Rascunhos .45 Isabelle Rocha .47	64
		CURADORA MARIANA MAIA	49
		Breno de Sant'ana .49 Carlos Maia .51 Dai Ramos .53 Vitória Albuquerque .55	
		CURADORA CAROLINA RODRIGUES	
		Almeida da Silva .57 Davi Pontes e Wallace Ferreira .59 Natasha Pasquini .61 Pavuna Kid .63	
		FICHA TÉCNICA	

APRESENTAÇÃO

Bem-vindes ao catálogo do 1º *Festival Margem Visual: performance periférica na rede*. Apresentaremos aqui a ideia do festival e um pouco do que foi esse grande evento online. Nas próximas páginas, vocês terão acesso a imagens das performances participantes deste festival acompanhadas dos textos curatoriais elaborados pelas curadoras e realizadoras do evento.

Contemplado pelo edital #FomentaFestivalRJ - Apoio a Festivais Regionais na Lei Emergen-

cial nº 14.017/2020 Lei Aldir Blanc do Estado do Rio de Janeiro/Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, o Festival ocorreu entre os dias 18 e 22 de março de 2021, na modalidade online, através do site www.festivalmargemvisual.com e do canal no YouTube do Mó Coletivo. Por meio de um edital público, foram selecionados 20 trabalhos de performance em três categorias: fotoperformance, videoperformance e performance ao vivo de artistas e coletivos de arte do Estado do Rio de Janeiro que são de origem peri-

férica e/ou possuem a periferia como tema de seus trabalhos. São eles: Almeida da Silva, Breno de Sant'ana, Caput, Carlos Maia, Companhia As de Ouro, Dai Ramos, Davi Pontes e Wallace Ferreira, Isabelle Rocha, Isadora Aventureira, Lírio em Rascunhos, Mallu Côrtes, Mayara Velozo, Natasha Pasquini, Nyandra Fernandes, Patfudyda, Pavuna Kid, Rainha F, Rick Xavier, Silvia Schiavone e Vitória Albuquerque.

O Festival Margem Visual surge do encontro de cinco mulheres artistas, pesquisadoras e educadoras, todas de origem periférica, que veem nas suas vivências territorializadas, no trânsito entre centro e periferia, possibilidades contra-hegemônicas de pensar a arte, a vida e o mundo. São elas: Carolina Rodrigues de Bangu, Laís Castro de Campo Grande, Luana Aguiar de São João de Meriti, Mariana Maia de Santa Cruz e Mery Horta de Bangu/Pedra de Guaratiba.

Nós, do Mó Coletivo, pensamos a territorialidade do corpo que vive na periferia da periferia do mundo. A pensadora contemporânea boliviana Silvia Cusicanqui é uma de nossas referências ao estabelecer a relação da vi-

vência em um determinado território com a construção de uma visão de mundo diferenciada, que pode propôr novas rotas de fuga do que se é esperado como normativo. Passar 6 horas do seu dia em um transporte público lotado para ir e voltar do trabalho para casa, levar a marmita para almoçar por não poder comprar comida na rua, ter a cor de pele diferente dos outros artistas que estão expondo junto com você no mesmo museu ou galeria (isso quando conseguimos acessar esses espaços), falar diferente, agir diferente, todos esses fatores influenciam a percepção do mundo em que vivemos e nos colocam na iminência de pensar modos de subverter o que é pré-estabelecido no circuito de arte. Assim, estabelecemos aí um diálogo direto com a necessidade quase que vital da realização do Festival Margem Visual, por criarmos um evento que entra no circuito de artes visuais do Rio de Janeiro com trabalhos de performance de alta qualidade técnica e artística criados por pessoas da periferia e que refletem questões da margem e da relação com mundo em geral.

O fato de ser um festival de performance e de remunerar um prêmio aos selecionados se

constitui como algo raro no cenário da arte contemporânea brasileira, tendo em vista que a própria performance costuma ser marginalizada com artistas trabalhando de forma gratuita na abertura de eventos e exposições, como um *happening*, um ativamento do espaço que nem sempre se integra às obras de outras linguagens numa perspectiva curatorial.

Os trabalhos selecionados trazem abordagens que visibilizam a periferia como um território fecundo para a articulação de suas políticas e reflexões sobre diversas dimensões sociais e culturais. São abordadas questões das mulheres, da cultura Ballroom, da malandragem, da comunidade LGBTQIA+, da ancestralidade afro-indígena, do contexto pandêmico, da afetividade, do transporte público, entre outras possibilidades, de forma que as obras dialogam entre si e com a nossa proposta curatorial. A diversidade é intrínseca a corpos e corpas que dialogam a performance com as linguagens do vídeo e da fotografia nos trabalhos que compõem a primeira edição do Festival Margem Visual: performance periférica na rede.

Além da programação com os 20 trabalhos de artistas/coletivos selecionados pela curadoria, contamos com uma noite de abertura que aconteceu no dia 18 de março de 2021 com trabalhos inéditos das artistas Laís Castro, Luana Aguiar, Mariana Maia e Mery Horta, e com uma fala de abertura da historiadora da arte Carolina Rodrigues. Contamos também com uma série de lives onde cada uma das curadoras entrevistou de 3 a 4 artistas/coletivos, todas transmitidas simultaneamente pelo Instagram e canal do youtube do Mó Coletivo.

Que possamos seguir com nosso projeto e fomentar possibilidades diversas de arte e vida.

Mó Coletivo

Carolina Rodrigues
Laís Castro
Luana Aguiar
Mariana Maia
Mery Horta

Carolina Rodrigues

Texto crítico, 2021

O QUE É ESTAR À MARGEM?

Vivemos sob múltiplas camadas de marginalização. A margem que aqui abordamos, não é apenas geográfica, mas geopolítica. Numa perspectiva macro, nos localizar no sul global nos submete aos marcadores da colonialidade, que impõem um sistema de pensamento que nos subjuga

enquanto existência. Nesse sentido, a expropriação que sofremos não é só material, mas também espiritual e epistemológica. Em uma perspectiva micro, na dinâmica local, nas fronteiras demarcadas como as do Estado do Rio de Janeiro, região que por si só se constitui como central nessa invenção

chamada Brasil, temos que lidar com grande pluralidade de sistemas de opressão.

Tudo se potencializa quando partimos da perspectiva das artes visuais, esse campo que fabricou e fabrica cânones os quais, através de fronteiras e categorizações, também contribuem para a consolidação dessas hierarquias de poder. No entanto, nossas vivências enquanto corporas portadoras de saberes ancestrais e nossas práticas artísticas e políticas não se conformam com essa visão de mundo e de progresso que nos é imposta, e é desse lugar que partimos enquanto curadoria.

Muito longe da pretensão de homogeneizar criações pelo recorte territorial ou de reafirmar um olhar fetichizante que parte dos grandes centros, percebemos que nossa produção possibilita um importante giro de perspectiva. O trânsito entre o espaço em que vivemos e aqueles aos quais chegamos depois de horas no transporte público, mas onde não podemos permanecer, nos

possibilita desenvolver maneiras particulares de perceber a realidade, uma consciência da qual depende a nossa sobrevivência material e subjetiva. Grada Kilomba, em diálogo com bell hooks, entende a margem como um espaço de abertura radical, onde novos discursos críticos se dão, onde “as fronteiras opressivas estabelecidas por categorias como “raça”, gênero, sexualidade e dominação de classe são questionadas” (KILOMBA, 2020, p. 68).

Sendo assim, *O 1º Festival Margem Visual: performance periférica na rede* pretende chacoalhar essas estruturas de dominação, desconstruí-las, manipular essa realidade em prol de potências criativas e ser um lugar fecundo de onde possamos imaginar e materializar mundos alternativos, fora da ordem colonial. Enquanto sujeitas de nossa história, que nossa marginalidade seja o motor para vislumbrar novos devires e novas configurações de coexistência!

Dia 18 de março de 2021 às 20:00 hs no canal do Youtube do Mó Coletivo.

PERFORMANCES DE ESTREIA DO FESTIVAL

Luana Aguiar

PROIBIDO NASCER DE NOVO

Videoperformance / 2021 / Tempo: 4 min 20 seg.

É a vez da noiva-virgem-santa-fantasma, ser mítico encarnada em artista, parir e renascer ainda que seja proibido. Embarque numa viagem imagética por dentro e fora dessa corpa fantasmática e espectral.



Laís Castro

REPERCUSSÃO

Videoperformance / 2021 / Tempo: 7 min 37 seg.

Entre o percutido no couro da alfaia e os beats sampleados do funk 150bpm carioca, aproximações são feitas a partir da ação de uma corpa negra. Câmera que olha a artista, a artista que olha o espaço através da câmera. Qual a repercussão no espaço?



Mariana Maia TROUXA DE OURO

Videoperformance / 2021 / Tempo: 4 min 30 seg

Câmera: Rezm Orah

Lavar, sujar. Tecidos e corpos tecem relações com histórias passadas e presentes. A performer entrelaça ações comuns com a religiosidade afro-brasileira e as diversas histórias da arte. Sustentar uma trouxa sobre a cabeça remonta saberes, dores, fortalezas. Através do Atlântico carregamos a trouxa necessária para reconstruir as áfricas.



Mery Horta

**AQUILO QUE CORRE ALÉM
DAS VEIAS**

Videoperformance/ 2021 / Tempo: 6 min 15 seg

Câmera: Ramon Castellano

Aquilo que corre além das veias é indício de vida e morte, prazer e dor. Localiza cavidades, se mantém no entre, ventre. Escorre quente, vermelho. Matéria de entranhas, memórias e desejos de passado-futuro. Presentifica o corpo através do ciclo. Aquilo gozo, intenso, fluido.



TEXTOS CURATORIAIS

Mery Horta

Laís Castro

Luana Aguiar

Mariana Maia

Carolina Rodrigues



CURADORA MERY HORTA

Isadora Aventureira

Tem coisas que só acontecem no Japeri / Videoperformance 2019 / Tempo: 10 min 55 seg.

Imagens: João

Uma rede vermelha esticada na passagem entre os vagões do trem. Na rede uma passageira que viaja deitada, compõe mais um elemento fora do eixo que encontramos cotidianamente no ramal Japeri. Para o passageiro que vê de tudo um pouco ali, venda de lasanha congelada, alicate de unha, remédio, às vezes um tiroteio, a performance de Isadora Aventureira compõe simbioticamente aquela paisagem contemporânea do subúrbio carioca. Os ambulantes e a performer criam uma atmosfera de cumplicidade celebrada pela Brahma gelada que Isadora compra e degusta ao longo da viagem. Isadora fabula ironicamente um Rio onde os trens possam ter redes entre os vagões e espaço para se deitar e apreciar o percurso de às vezes 3 horas da casa para o trabalho do trabalho pra casa.



Nyandra

Vultuosos corpos de mulher / Fotoperformance

Dois corpos femininos se entrelaçam e posam evocando ares de uma imagem escultórica. Os corpos que parecem refletir um ao outro são simultaneamente lugar de semelhança e diversidade. Nyandra desestabiliza padrões corporais existentes na sociedade através de sua fotoperformance onde belo é o corpo da mulher e sua singularidade. Neste trabalho, a pele se apresenta como exterioridade do corpo, lugar de troca entre as duas corpas e o olhar do observador. Ao mesmo tempo, a pele se mostra como camada de textura da imagem, através de um grande volume, de curvas e caminhos que são parte dos corpos femininos ali presentes.



Patfudyda

Esporte para gatas / Videoperformance / Tempo: 14 min 09 seg / Imagens: Idra Maria Mamba Negra / Trilha sonora: Miuccia

Rota de escape, mergulho em camadas do invisível, construção e implosão de territórios movediços. Esporte para gatas, quem tem joga. Na videoperformance, Patfudyda dá pinta, encara, balança a rabeta e posa. Vestindo um biquini rosa, um par de botas salto plataforma pretas e óculos escuros, Patfudyda exibe o corpo, se põe a ver. Realiza uma dança de guerra para prender a presa através do olhar de quem acompanha seus movimentos, mantendo um quase estado de hipnose reforçado pela trilha sonora. Saltos, invertida, grandes flexões, chute no ar, risadas perigosas, tudo é uma grande armadilha que se realiza.



Companhia As de ouro

Fotoperformance

Salve a malandragem, os becos, as encruzilhadas, as vielas e caminhos tortos, aqueles que riscam o chão. O malandro e a malandra são a personificação do samba na sua musicalidade e dança que vão das periferias do Rio de Janeiro para o mundo por meio do carnaval. A malandragem tem identificação direta com alguns guias das religiões afro-brasileiras, como o Zé Pilintra e a Maria Navalha na umbanda, as roupas, o modo de dançar são alguns desses elementos em comum. Na fotoperformance da Companhia As de ouro vemos a pichação “De quem vc foge?” e malandros e malandras encaram a imagem por meio do corpo posicionados lado a lado como uma postura afirmativa de territorializar a rua por meio da malandragem.



CURADORA LAÍS CASTRO

Leonardo Laureano

Caput / Videoperformance / Tempo: 29 min e 19 seg

O que nos conta esse corpo pulsante em um lugar confinado? *Caput*, cabeça, parte principal. O diálogo com as danças urbanas, danças que geralmente acontecem na rua, tensiona a ação no espaço reduzido. As ações cotidianas em meio a uma profusão de movimentos sugerem uma atitude de convivência com o estado de dança. A câmera em contra mergulho, “olha” para cima, se destina à cabeça. O plástico que cobre o corpo se coloca como um elemento que cria um espaço ainda mais retraído ao mesmo tempo que adiciona uma camada de proteção. Ao ver o trabalho há um diálogo virtual entre o corpo do performer e o corpo de quem assiste, movimentos que reverberam, pausas que geram suspensão.



Mallu Côrtes e Karoline Alves

Editorial Vida em Trânsito / Fotoperformance 2019 / Modelos: Lívia Maria e Wanie Nascimento / Fotografia: Luiz Felipe Ribeiro e Raquel Ribeiro / Direção de Arte: Viviana Lauriano / Produção de Moda: Maria Luiza Côrtes / Styling: Karoline Alves da Silva / Beleza: Adryel Barboza e Karoline Alves da Silva

Dormir, acordar, comer, escovar os dentes. As atividades do dia-a-dia se transferem do espaço da casa para o espaço dos transportes públicos. Radicalizando os usos do tempo em deslocamento pela cidade, o Editorial Vida em Trânsito encaminha ironicamente modos de apropriação e ação nos modais de transporte. A ação das artistas aponta para uma denúncia sobre o longo tempo gasto diariamente nos transportes e as condições de utilização. A gestualidade descontraída e espirituosa aliada às cores vibrantes no vestuário formal entram em um jogo de visualidade que contrapõe um olhar estereotipado sobre estéticas periféricas.



Mayara Velozo

Sedimentos - ato 1 / Performance ao vivo

Pedras douradas são expelidas do corpo performer a partir de uma dança. Dança do ventre, dança da vulva-vagina. O ritual evoca o espectro da dominação colonial e patriarcal e o movimento de artista dialoga com o peso incorporado a si. O corpo carregado da artista move junto de seus familiares que também compõem sua subjetividade. A relação do trabalho com o território do Morro do Salgueiro, de onde artista é criada, é de intimidade, espiritualidade e referênciação. Quais pedras-pesos compõem um morro? Quais foram pilhadas? Para exorcizar o que existe por dentro, física e simbolicamente, a dança se faz presente para mover algo interno, lançar sedimentos, parir pedras.



Rick Xavier

Pausa sem silêncio / Videoperformance 2020-2021 / Tempo: 30 min e 49 seg.

A paisagem composta por diversas camadas de construções, telhados, caixas d'água nos convoca a compartilhar virtualmente a presença do alto da laje. Uma câmera parceira de dança vasculha os detalhes, torce e inverte imagens. A lua tímida, a espada de São Jorge, um pagode funkeado a 150 bpm do som ao redor nos contam um pouco mais sobre esse corpo negro favelado. Corpo presente. A máscara, na medida em que oculta o rosto, revela, como num giro espiralar do tempo, as relações com a ancestralidade e o presente sufocado. Alvo de uma tinta branca que pesa sobre o corpo, o artista se banha, se limpa, deixa a água rolar, para novamente se expandir em dança pelo espaço.



CURADORA LUANA AGUIAR

RAINHA F.

Enlace de solitude / fotoperformance 2019

Uma noiva solitária à frente da enorme porta fechada da Igreja do Santíssimo Sacramento da Antiga Sé, localizada no Centro do Rio, é o que mostra a primeira imagem da série de três que compõem a fotoperformance “Enlace de solitude” de Rainha F. A segunda fotografia mostra o vestido, sapato e véu deixados na escadaria de entrada da igreja. A terceira imagem contempla a mesma corpa de modo mais próximo, olhar altivo, majestoso, cabelos trançados, colar de pérolas, usando, com estilo, somente um body rendado. É quando percebemos que, além de preta, se trata de uma corpa transexual; é quando lembramos o fato de que o rito religioso do casamento é interditado a transexuais, corpas cujo destino é frequentemente compulsório, terminando por vezes em morte. Rainha F. talvez mostre com seu trabalho que sua corpa merece não apenas se manter viva e resistente, mas amada e celebrada. E se as instituições de fundo colonial não se abrem a tais celebrações, a arte hoje, com vigor, cumpre seu papel.



Silvia Schiavone

Faxina artística / performance ao vivo 2021

A Faxina Artística proposta por Silvia Schiavone viralizou nas redes sociais e foi matéria de jornal. A triste realidade de uma artista e professora desempregada, mãe e periférica, fazendo faxina para sobreviver, atraiu a atenção das pessoas, que deixaram inúmeros comentários motivacionais em seu facebook. Mas a artimanha da artista vai além das obviedades, uma vez que ela oferece uma aula de artes ao morador/a da casa enquanto faz a faxina, confundindo os papéis sociais entre empregada e empregador/a: a faxineira-artista detém, assim, além da força braçal, a força intelectual, afinal, conhecimento é poder. Para o Festival Margem Visual, ela propõe uma faxina-aula ao vivo numa conhecida galeria de arte do circuito carioca, se deslocando de Belford Roxo, na Baixada Fluminense, à Zona Sul da cidade.



Lírio em Rascunhos

Marimba / fotoperformance

Uma pipa rasgada caída no asfalto. Um par de pernas e a sombra de um braço ao chão a tentar alcançar o objeto voador: essa é a primeira imagem da série Marimba do coletivo Lírio em Rascunhos fundado pela performer Lírio Valente e pelo poeta Alan Salgueiro. A segunda imagem da série mostra o artista empinando a mesma pipa com a mão direita, como que fugindo da câmera ou, discretamente, cantando para ela. Vitória! Soltar pipa é uma das atividades mais populares das periferias. Na Baixada Fluminense, então, é a lei das tardes de sol. A falta de arranha-céus é condição importante para se ver a constelação de pipas no ar. E se a pipa “avoa”, se ela se solta ou é cortada por uma linha com cerol, é correria certa para sua busca e resgate. Resgatar uma pipa é sinal de vitória, mesmo que ela se rasgue. E uma das utilidades das marimbás - uma pequena e poderosa pedra amarrada numa linha que alcança distâncias ao ser lançada - é o resgate de pipas “avoadas”, afinal tudo se aproveita na Baixada.



Carolina Monteiro Rodriguez

Isabelle Rocha

MANIFESTO NÃO SOMOS ASSASSINAS / intervenção urbana 2021

Um manifesto pró-aborto na Central do Brasil é o que propõe Isabelle Rocha em sua ação. Uma pauta importante cujo debate ainda é tabu em nosso país, fato que contribui para a desinformação acerca do assunto. Dados sobre complicações geradas em mulheres por aborto clandestino são incompletos no Brasil. O que se sabe é que os índices de morte são maiores nas periferias, entre mulheres negras, indígenas e adolescentes, os grupos mais vulneráveis. O manifesto de Isabelle é um texto que aparece num silêncio ensurdecedor. Ao acontecer em local de fluxo de trabalhadoras/es periféricos a outras regiões da cidade, a artista se direciona, assim, às corpos mais vulneráveis. É apenas uma gota num oceano turvo mas, ainda assim, uma voz que não se pode calar. E que seja uma artista portadora de útero, mãe, livremente se manifestar.



CURADORA MARIANA MAIA

Breno de Sant'ana

Vinhadinho / fotoperformance 2021

Breno de Sant'ana descreve seu “vinhadinho” como um animal de grande porte, mamífero, que tem as habilidades de fugir das emboscadas da sociedade opressora e detectar, ao longe, os preconceituosos. Na imagem vemos o “vinhadinho” em seu habitat. A periferia se transforma em uma espécie de floresta selvagem, onde vemos casas incompletas, ervas daninhas e matos crescendo livremente no alto de uma teia de fios. A persona presentificada pelo jovem performer mira a câmera com um olhar voraz e desafiador. Um corpo que deseja ser fotografado. Retorcido, quase mimetizando um veado, animal que por vezes é caça, mas é, também, o imponente gamo rei da floresta, o artista ressignifica a palavra pejorativa com um toque de regionalismo, “vinhadinho”. Assim, a alcunha preconceituosa é diluída, tornando-se arma de afirmação de uma identidade. A impactante fotografia e fala classificatória de Breno de Sant'ana faz o “vinhadinho” existir e resistir em uma rua de periferia e no mundo.



Carlos Maia

Planeta Bangu / videoperformance 2021.

O multiartista Carlos Maia deserta para um planeta Bangu. Nas palavras badaladas do performer, descobrimos Bangu, Bangu, Bangu em adjetivos, lugares, histórias e culturas atribuídas a esse bairro marginal. O balanço do trem nos leva a um estado onírico ou de vigília. Cruzamos a cidade a Bangu, ou seja, na desordem de sons que necessitam ir e vir. Bangu são muitos e apenas um. Bangu também é uma palavra de origem tupi, que significa parede escura, enegrecida. Bangu é o corpo negro do performer que registra a si na paisagem periférica. Ao ver a vídeo performance de Carlos Maia, muitos irão se ver representados. No entanto, para outros, essa é apenas a grafia de um planeta extraterrestre.



Dai Ramos

Onjila / fotoperformance

De um terreiro na comunidade Fazenda Botafogo, em Acari, Dai Ramos ressoa *Onjila*. Fotoperformance onde a artista interage com símbolos de uma estética espiritual negra contemporânea. Ervas, tecido, pote, gestos, cabaça, levam à percepção de uma sabedoria ancestral. Oduduwa, divindade feminina ioruba, é a parte de baixo da cabaça da existência, de onde fluiu a vida. *Onjila* do Umbundo significa caminho. Sustentando na face uma cabaça, Dai Ramos aponta vívidas direções. Nossa herança africana. Uma filosofia a toques de atabaque. Afro futuros. O poder das mulheres negras. A trajetória da própria artista por conhecimento. *Onjila* mostra que nossos passos são cílicos. A artista performa, no terreiro da família, reflexões sobre nossos antepassados. *Onjila* também significa pássaro. Com Dai Ramos alçamos voo ao encontro de verdades atemporais outrora negadas.



Vitória Albuquerque

Absente / videoperformance

Vitória Albuquerque dança o cotidiano em *Absente*. Sinônimo de afastado de algum lugar, não presente, ausente, aborda uma corporeidade presa na teia do tempo. A artista performa em um espaço doméstico, expondo o momento presente, onde, isolados, traçamos caminhos infindáveis nos cômodos de nossas residências. Otilintar do ponteiro do relógio, as mensagens no telefone celular que chegam toda hora, aparecem conectadas a um fio elástico, ao corpo movente da artista. A fala é reflexiva e questionadora. *Absente* constrói um elo com nosso olhar, em um país onde o artista periférico encontra tanta dificuldade de ser visto. Vemos uma tela ou fragmentos retangulares que dançam junto com a artista, em movimentos ininterruptos, a aflição do viver. Vitória Albuquerque mostra que, mesmo cerceados, nossos corpos são potentes, dançantes, livres e que por meio da arte podemos encontrar uma rota de fuga para a rotina acachapante.



CURADORA CAROLINA RODRIGUES

Almeida da Silva

Dona Benta / performance ao vivo

Na medida em que um corpo da diáspora avança sobre territórios cada vez mais centrais e colonizados, ele se vê obrigado a suprimir o que o coloca à margem, os atravessamentos de sua origem periférica e de sua pele preta.

Dona Benta é uma performance na qual um corpo retinto se percebe impossibilitado de fugir da imposição do lugar racializado. O corpo sente e reage a essa violência extrema antes de qualquer possibilidade de conceitualização. Se estabelece, então, a transformação do território. Se exploram as possibilidades de agência/resistência a partir da manipulação da matéria que o violenta: a farinha, o embranquecer. A relação com o desenho, linguagem que vem sendo explorada por Almeida da Silva em contexto pandêmico, também ressignifica o trabalho através das linhas que se formam ao acaso, pelos movimentos com o corpo e pelo tensionamento de qualquer possibilidade de permanecer na margem.



Davi Pontes e Wallace Ferreira

Repertório N. 1 / performance ao vivo

A margem e a periferia entendidas não apenas como territórios geográficos, mas como fronteiras geopolíticas impostas pelas colonialidades. Corpos que reagem e perfuram essas fronteiras e redimensionam suas categorias. A performance como resposta política a essas condições. A coreografia como possibilidade de autodefesa. Se a violência não pode ser extinta, que seja, pelo menos, redistribuída.

Enquanto corpos dissidentes, Davi Pontes e Wallace Ferreira se utilizam da mimese e da repetição ritualizada de gestos na tentativa de arquivar ações para elaborar resistências, conjurar formas de permanecer no mundo e inventar o que há de sucedê-lo. Assim, em *Repertório N. 1*, apresenta-se uma desarticulação da construção moderna e ocidental do pensamento, uma proposta de temporalidade não linear, onde os elementos coabitam e se relacionam mesmo que a partir da imprevisibilidade de seus movimentos.



Natasha Pasquini

Natasha Pasquini

Corpo-memória em movimento / performance ao vivo.

O que vem depois do fim? Em um período de isolamento pandêmico, uma “corpa máquina de guerra” procura por estratégias de sobrevivência, ou de “supravivência”. É nesse momento que surge *Corpo-memória em movimento*, performado por Natasha Pasquini. Artista, brincante, pesquisadora: os tantos braços desse elemento transparecem em sua arquitetura cênica. Suas escritas pessoais se materializam na voz e no corpo com suas referências teórico-literárias, como as palavras de Jota Mombaça e Michelle Matiuzzi, presentes no prefácio do livro *Dívida Impagável*, de Denise Ferreira.

Tecidos brancos, arruda, espadas de São Jorge, terra, pipoca. Os indícios da ancestralidade não se apresentam apenas nos elementos da cena, mas também constituem as vivências reais e cotidianas que se imprimem no corpo da artista. O trabalho se firma, então, com a abertura de caminhos a partir de um banho de ervas, convidando ao movimento aqueles corpos que são constantemente imobilizados pelas políticas de negação à vida.



Pavuna Kid

Quem tem coragem? / videoperformance. Tempo: 2min.

Avenida Brasil. Rodovia mais movimentada do Rio de Janeiro. Na capital, liga o extremo da Zona Oeste ao Centro da Cidade, rota principal de muitos trabalhadores e estudantes periféricos. O familiar ambiente caótico, da correria e do trânsito pesado, dá lugar a uma atmosfera onírica, protagonizada por Theuse Luz, a Pavuna Kid. Em *Quem tem coragem?*, a artista, membro da House of Mutatis, pertencente à comunidade Ballroom, ressignifica esse espaço de fluxo ao performar a dança urbana Voguing em corpos que se deslocam pelo espaço por meio de movimentos automatizados.

A divergência nos movimentos, na indumentária, a interação com as construções urbanas, a performance de gênero: expondo seus códigos hegemônicos, tudo isso propõe uma quebra desse espaço que parecia comportar tanta diversidade, mas que, no entanto, se mostra altamente codificado e hierarquizado. Dialogando com as margens de diferentes lugares do mundo, Pavuna Kid nos traz os seguintes desafios:

Quem tem coragem de lutar pela verdade?

Quem tem coragem de ser de verdade?

FICHA TÉCNICA

Idealização, realização e curadoria:

Carolina Rodrigues

Laís Castro

Mariana Maia

Mery Horta

(Mó coletivo)

Nós do Mó coletivo acreditamos na força e poder da coletividade, por isso agradecemos imensamente aos nossos patrocinadores e parceiros que contribuíram para que um desejo coletivo acontecesse e se multiplicasse através da participação dos 20 trabalhos de artistas e coletivos selecionados:

Almeida da Silva

Breno de Sant'ana

Caput - Leonardo Laureano

e Renann Fontoura

Carlos Maia

Companhia As de Ouro

Dai Ramos

Davi Pontes e Wallace Ferreira

Isabelle Rocha

Isadora Aventureira

Lírio em Rascunhos - Alan Salgueiro

e Lírio Valente

Mallu Côrtes e Karoline Alves

Mayara Velozo

Natasha Pasquini

Nyandra Fernandes

Patfudyda

Pavuna Kid

Rainha F.

Rick Xavier

Silvia Schiavone

Vitória Albuquerque

Nosso muito obrigada também para a equipe fantástica que fez parte da produção deste festival:

Assessoria de imprensa

Bruno Morais

Gisele Machado

(Marrom Glacê assessoria e agenciamento)

Assistente de produção

Tamara Catharino

Verônica Nascimento

Designer gráfico

Thiago Fernandes

Revisor de texto do catálogo

Ramon Castellano

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO



PATROCÍNIO



APOIO

